

mais longo ou mais breve do prólogo. O texto é fixado na base de 5 manuscritos (3 do séc. XIII e 2 do séc. XIV); o número coincide com o de Mariana, mas estamos longe de saber se existe correspondência, pois não estão identificados os materiais de trabalho do jesuíta. Admite também E. Falque que os antecedentes de cada família devem ser remetidos para momento anterior ao da data dos manuscritos que conhecemos: advertindo nas afinidades de três – S(almanticense), T(oletano), I(sidoriano) – pela coincidência em algumas omissões, e nomeadamente quanto à alteração de um passo que «choca frontalmente contra os interesses da igreja toledana» no tema da primazia episcopal, assume que a alteração tem motivações e é levada a postular dois arquétipos mesmo sem presumir da sua relação com o autor do texto, embora os testemunhos remontem ainda ao séc. XIII. Não temos competência para ajuizar de matéria que parece extrapolar de mecanismo de transmissão textual, mas por certo haverá que levar em conta que as relações do arcebispo de Toledo (nomeadamente Rodrigo Ximénez de Rada, muito próximo do Tudense) foram tensas relativamente a algumas dioceses (especificamente Tarragona, Braga e Compostela). Por certo o inciso introduzido pelo S(almanticense) em III, 13, 1-4, na *Divisio Wambae*, reflecte os interesses de alguém que pretende possivelmente amenizar as reivindicações da primazia. A que distância está do autor é questão que não é fácil ou possível responder, mas devemos reconhecer que a obra do Tudense também podia ser manipulada para tal fim.

Enfim, até pelas questões que somos levados a colocar, havemos de agradecer a Emma Falque o trabalho assumido; condição essencial de uma edição crítica é que não se deixem em silêncio os problemas suscitados pelo texto e pela sua transmissão.

AIRES A. NASCIMENTO

*Ruodlieb con gli epigrammi del Codex Latinus Monacensis 19486. La formazione e le avventure del primo eroe cortese.* Ed. Roberto Gamberini, Firenze, SISMEL/Edizioni del Galluzzo, 2003. LXXX + 203 pp. ISBN 88-8450-076-1

O trabalho de Gamberini para a colecção *Per Verba: testi mediolatini con traduzione* tem, antes de mais, o mérito de nos oferecer a primeira tradução em italiano do poema *Ruodlieb*, assim chamado a partir do nome do herói que o protagoniza. Trata-se de uma épica latina anónima em hexâmetros dactílicos datável do século XI, da qual nos restam os fragmentos de 19 bifólios de pergaminho descobertos, no início do século XIX, nos fólios de guarda da encadernação de alguns códices do Mosteiro beneditino de Tegernsee, no sul da Alemanha. O ms (München, Bayerische Staatsbibliothek, Clm 19486), fragmentário e incompleto, em grande parte de uma única mão, e que se suspeita ser o autógrafo, constitui na prática o único testemunho da tradição manuscrita; de facto, foi posteriormente descoberto, na biblioteca do Mosteiro de S. Floriano, um bifólio do mesmo século possuindo dois fragmentos do texto (St. Florian, Stiftsbibliothek, Port. 22), mas apenas 25 versos coincidem com os cerca de 1700 do Clm 19486. Do manuscrito constam ainda onze «epigramas» (assim designados desde Seiler, 1882), quatro no verso do fólio I, sete no verso do último fólio do códice, pela mesma mão que grafou a maior parte do *Ruodlieb* – embora não tenham, aparentemente, qualquer relação com o poema, sendo composições em hexâmetros dactílicos à volta de situações e objectos da vida quotidiana.

Esta nova edição contempla todas as edições críticas publicadas até ao momento, da *editio princeps* de Schmeller (1838) à segunda de Vollmann (1991), incluindo as edições de Kratz e Grocock, quase contemporâneas da primeira edição de Vollmann (1985) e nunca antes colacionadas com as deste último. A edição reproduz a grafia original e apresenta novas propostas de reconstrução dos versos lacunares. No que respeita à ordenação dos fragmentos, questão que encontra certo consenso na proposta de Laistner (1883), opta o editor por apresentar em quadro (p. LXIII) as divergências introduzidas em face das edições canónicas (Vollmann, Laistner, Seiler e Schmeller). A tradução, que não se afasta mais que o necessário do original, emprega uma linguagem coloquial que lhe proporciona fluidez e clareza.

O volume vem apetrechado de uma ampla introdução (pp. v-LXIII) de extrema utilidade, especialmente para o leitor menos familiarizado com as questões levantadas pelo poema; Gamberini procura apresentar em síntese os pontos de vista dos filólogos que

marcaram as principais etapas dos estudos exegéticos, complementando a exposição com sugestões pessoais fortemente apoiadas em exemplos do texto. O resumo da narrativa (pp. VII-IX) conduz-nos ao enigma do seu abrupto final (pp. IX-XI) e à reflexão sobre qualidades do poema inerentes ao género épico (pp. XI-XV), das quais uma componente didáctica faz parte; reconhecem-se nele influências da cultura beneditina. Merecem comentário as personagens principais: o herói, um cavaleiro que reflecte o ideal ético do autor, um «esemplare Cristiano di eroismo epico» (p. XIX) no qual confluem as tradições épicas clássica e posterior, além da germânica; e o *rex maior*, a respeito do qual o editor sublinha a vacuidade das tentativas de identificação com figuras históricas (pp. XV-XXII). Os problemas referentes à tradição manuscrita – descoberta dos fragmentos, origem dos manuscritos, número de mãos identificáveis, grafia, hipótese de autografia, estratégia de datação – sugerem outros, ligados mais concretamente ao autor (pp. XXIII-XXXV): atendendo à mundividência revelada no poema, seria monge ou secular? Que educação terá recebido? Que público teria em vista? Trabalharia dependente do mecenato de Henrique III? Gamberini vinca a necessidade de atender aos elementos históricos, culturais e mesmo jurídicos de que o texto é testemunha (pp. XXXVI-XLI). No que respeita às fontes, um panorama de escassez de citações e de dependência da tradição oral popular nórdica (o poema ostenta material da saga, da fábula e talvez do mimo) tem gerado polémica entre os filólogos; o editor descortina no Ruodlieb a tentativa de composição de uma obra «moderna» (pp. XLI-XLVIII) e passa, finalmente, à análise da linguagem e do estilo (pp. XLVIII-LIX).

As notas (pp. 163-180) acompanham o poema verso a verso com comentários de âmbito linguístico, literário e cultural, indicando, além disso, *loci similes* e remetendo o leitor para estudos mais específicos que se ocupem de aspectos atinentes à interpretação do passo. Dado o estado fragmentário do texto, considerou o editor ser pertinente fornecer nas notas informações respeitantes à tradição manuscrita, apontando lacunas (e sua extensão aproximada), bem como a presença de glosas.

Os epigramas e respectiva tradução em prosa (pp. 184-189) são remetidos para apêndice e precedidos de uma breve introdução (pp. 181-183): o editor agrupa as composições em «epigramas» (I, VI, VII, IX, XI) e «literatura enigmática», um ramo genérico do epigrama (III, IV, V, X), isolando o texto II, por o julgar representativo das duas modalidades. Destacadas, a nível individual, algumas particularidades de conteúdo e estilo dos poemas, tenta Gamberini situar o leitor no que toca ao género, aludindo às vicissitudes históricas da prática da literatura epigramática. O texto é seguido de uma página de notas (p. 191) da mesma natureza das que dilucidam o *Ruodlieb*.

A bibliografia (pp. LXVI-LXXVII), relativamente extensa e organizada por temas, afigura-se-nos um precioso auxiliar para o estudioso interessado em seguir a história dos trabalhos críticos sobre o poema, ao aliar à indispensável actualização a vantagem de se encontrar cronologicamente estruturada, indicando desde as primeiras notícias relativas ao *Ruodlieb*, contemporâneas da descoberta dos fragmentos, às mais recentes. Além de um índice geral, o volume compreende ainda um índice de fontes e de *loci similes* (pp. 195-197) e um índice de nomes e de obras anónimas (pp. 199-202), ambos de evidente préstimo.

ANA MARIA LÓIO

BARTOLOMEO DA TRENTO, *Liber epilogorum in gesta sanctorum*. Ed. crítica a cura di Emore Paoli. Firenze, SISMEL/Edizioni del Galluzzo, 2001. CCCLX + 518 pp. ISBN 88-8450-001-X

A familiaridade com o nome Bartolomeu de Trento não será grande mesmo para alguns mais habituados a lidar com legendas hagiográficas, pois as dificuldades de acesso ao seu texto eram reais e mal havia notícia da sua tradição ou dos problemas em que situar autor e obra, particularmente esta, *Liber epilogorum in gesta sanctorum*.

A primeira questão a colocar (e que o editor deixa omissa) seria nada menos que a razão do título. *Epilogus*, porquê ou quê? Socorremo-nos do *Catholicon* de Iohannes Balbus: «Epilogus, a, um: idem est quod reuelatio; uide supra in quarta parte in c de coloribus rethoricis». Utilizando a referência, estamos com o valor de «replicatio», «recapitulatio praedictorum et proprie in fine causarum, in medio iudicii, uel extrema pars libri». Útil este conteúdo? Estamos perante um instrumento construído para garantir elementos de pregação, num tempo particularmente intenso de vida espiritual e intelectual que é o